

# **DES-ENCONTROS COTIDIANOS: UMA ANÁLISE PAISAGÍSTICA DO BAIRRO DE CIDADE NOVA, NATAL-RN**

**DAILY DIS-AGREEMENTS: A LANDSCAPE ANALYSIS  
OF THE NEIGHBORHOOD OF CIDADE NOVA, NATAL-RN**

**ENCUENTROS DIARIOS: UN ANÁLISIS DEL PAISAJE  
DEL DISTRITO DE CIDADE NOVA, NATAL-RN**

Emilly Domingos da Silva<sup>1</sup>

Eugênia Maria Dantas<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como tema transversal a violência e o medo do crime, pois esses fenômenos encontram-se dispersos no cotidiano citadino, e tornam-se cada vez mais dissolvidos passando a modificar a tessitura urbana, enfatizando e recriando formas de segregação socioespacial. Esses fenômenos corroboram com a construção de uma imagem territorial do bairro de Cidade Nova cenário de eventos violentos, dessa forma objetivamos evidenciar as multiplicidades e a complexidade espacial, através da análise do espaço territorial vivido. Na tentativa de adentrar ao quadro complexo urbano utilizou-se autores como Ferrara (1988) e as falas das cidades verbais e não verbais, Bessa (2014) e a paisagem como quadros, Bauman (2008) e as cidade laboratórios, buscando dar maior visibilidade às singularidades espaciais que ocorrem em Cidade Nova e são esquecidas, marcas que em muitos casos só são conhecidas pelos moradores. Esses são agentes singulares, no tocante a compreensão das nuances espaciais de Cidade Nova, pois são a parte viva desse lugar, guardando consigo memórias, vivências e histórias não contadas e evidenciadas nesse espaço.

**Palavras-chave:** Cidade Nova. Vivido territorial. Falas verbais e Não verbais.

**ABSTRACT:** This article has violence and fear of crime as a transversal theme, because these phenomena are dispersed in the city everyday life, and become increasingly dissolved and modify the urban texture, emphasizing and recreating forms of socio-

---

1 Geógrafa e licencianda em Geografia. Mestranda em Geografia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7165-5352>. E-mail: [emillydoomingos@gmail.com](mailto:emillydoomingos@gmail.com)

2 Professora Titular do Departamento de Geografia da UFRN e dos programas de Pós-Graduação em Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e do GEOPROF. Chefia do Departamento de Geografia-UFRN. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1541-7082>. E-mail: [eugeniadantas@yahoo.com.br](mailto:eugeniadantas@yahoo.com.br)

Artigo recebido em setembro de 2022 e aceito para publicação em novembro de 2022.

spatial segregation. These phenomena corroborate the construction of a territorial image of the Cidade Nova neighborhood as a scenario of violent events. In an attempt to enter the complex urban picture we used authors such as Ferrara (1988) and the verbal and non-verbal city talk, Bessa (2014) and the landscape as pictures, Bauman (2008) and the laboratory cities, seeking to give greater visibility to the spatial singularities that occur in Cidade Nova and are forgotten, marks that in many cases are only known by the residents. These are unique agents, when it comes to understanding the spatial nuances of Cidade Nova, because they are the living part of this place, keeping memories, experiences and stories not told and evidenced in this space.

**Keywords:** Cidade Nova. Territorially lived. Verbal and non-verbal speech.

**RESUMEN:** Este artículo tiene como tema transversal la violencia y el miedo al crimen, porque estos fenómenos se dispersan en la vida cotidiana de la ciudad, y se disuelven cada vez más cambiando la textura urbana, enfatizando y recreando formas de segregación socio-espacial. Estos fenómenos corroboran la construcción de una imagen territorial del barrio de Cidade Nova como escenario de sucesos violentos, por lo que pretendemos destacar las multiplicidades y la complejidad espacial, a través del análisis del espacio territorial vivido. En un intento de adentrarnos en el complejo panorama urbano recurrimos a autores como Ferrara (1988) y el discurso verbal y no verbal de la ciudad, Bessa (2014) y el paisaje como imágenes, Bauman (2008) y las ciudades laboratorio, buscando dar mayor visibilidad a las singularidades espaciales que se dan en Cidade Nova y que están olvidadas, marcas que en muchos casos sólo son conocidas por los vecinos. Son agentes únicos, en cuanto a la comprensión de los matices espaciales de la Cidade Nova, porque son la parte viva de este lugar, guardando recuerdos, experiencias e historias no contadas y evidenciadas en este espacio.

**Palabras clave:** Cidade Nova. Vida territorial. Discurso verbal y no verbal

## INTRODUÇÃO

O espaço urbano carrega as marcas de múltiplos eventos (i) materiais que passam a modificar a estrutura espacial, dentre esses destacamos o processo de expansão urbana irregular, característicos dos países periféricos que carregam em sua epiderme as marcas das desigualdades socioespaciais, que foram causadas em seu devir histórico. Esse processo corrobora para que parcelas desses espaços apresentem dinâmicas desiguais e irregulares, o que pode respaldar movimentos de expansão espacial regidos por recursos violentos e pela ascensão do medo do crime e da constante sensação de insegurança. Tal contexto afeta os centros urbanos e a sociedade em geral, que de modo disperso visa encontrar estratégias para se resguardar. Sposito (2013) alerta-nos que o perigo químico se expandiu e tomou o papel de protagonista, no tocante à percepção urbana. Vale ressaltar

que o ser humano vem-se tornando cada vez mais individualista e segregatório, tudo baseado na concepção da violência dos “outros”.

Nos últimos anos fenômenos como a violência e o medo do crime afloram de modo a liquefazer e modificar o espaço, deixando marcas profundas, envolvendo os moradores em sua trama do vivido, passando uma sensação de nova “normalidade”. A violência e o medo do crime encontram-se dispersos em nossas vidas, e tornam-se cada vez mais dissolvidos nas vivências, sendo esse um permanente devir, pois passam a modificar a tessitura cidadina, enfatizando formas de segregação socioespacial já existentes e recriando novas formas. Nas últimas décadas, as grandes cidades vêm sofrendo com a ameaça do caos, que constantemente afeta diferentes grupos sociais de formas distintas. A dinâmica a qual estão sujeitos os grandes centros urbanos, faz com que alguns grupos precariamente incluídos, utilizem a violência e o medo do crime como instrumento de poder, há uma crescente tendência a sentir medo e associado a isso uma compulsão pela segurança. Diante desse quadro singular que se instaurou na contemporaneidade, o local escolhido para desenvolver o estudo, foi o bairro de Cidade Nova. Com o objetivo evidenciar as multiplicidades e a complexidade que ocorrem nesse espaço, através da análise da paisagem.

Para alcançar o objetivo aqui proposto efetuou-se levantamento bibliográfico que resultou na sistematização de ideias referentes a autores como Sposito (2013), Bauman (2008), Corrêa (1989), Ferrara (1988) e Bessa (2014). Foram feitas diversas explorações in loco no bairro de Cidade Nova, buscando identificar as nuances do vivido territorial do bairro, que muitas vezes são conhecidas apenas pelos moradores e culminam sendo suprimidas pelo discurso homogeneizador territorial. Vale ressaltar que existe uma vinculação da pesquisadora com o bairro de Cidade Nova, pois como morador deste território há 22 anos, a trama do vivido afeta minha geo-história. A pesquisa foi guiada pela influência fenomenológica que irradia pela percepção ao descrever o fenômeno da violência e do medo do crime, sem distanciamentos, porém com a objetividade/subjetividade requeridas por esse viés. O trabalho está subdividido em três partes. A primeira diz respeito a uma breve introdução. A segunda refere-se às falas cidadinas verbais e não verbais. E por fim, uma aproximação territorial com Cidade Nova, adentrando as singularidades do vivido territorial.

## **QUADROS CIDADINOS: FALAS VERBAIS E NÃO VERBAIS**

A cidade é uma construção humana, sendo reflexo do presente e do passado, esse fluxo histórico deixa marcas impressas no espaço. A cidade segundo Corrêa (1989, p. 09) é “fragmentada, articulada, reflexo e condicionante social, a cidade é lugar onde as diferentes classes sociais vivem e se reproduzem (...) o espaço urbano assume assim a dimensão simbólica.”. Na atualidade a cidade encontra-se afetada por múltiplos fenômenos dentre eles pode-se destacar o medo disperso pelos mais diferentes lugares. Segundo Bauman (2008, p. 8) o medo é “o nome que damos a nossa incerteza: nossa

ignorância da ameaça”. O medo torna-se assim uma espécie de “demônio” espreitando a nossa existência. Pronto para “atacar”, o medo se metamorfoseia em uma ameaça latente e assustadora, tornando-se difuso e líquido. Atualmente temos a sensação de estar vivendo inseridos no caos. A maioria da população já vivenciou uma história traumática relacionada a violência e o medo do crime ou conhecemos alguém que passou pela experiência, o que nos leva à constatação de que o fenômeno da violência e do medo afeta a todos, mesmo que de forma diferente. Mas o que é o medo? Vivemos inseridos numa névoa de temor e pânico, segundo (Bauman, 2008, p. 8) o medo é “o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça”. O medo torna-se assim um demônio que vive à espreita esperando para nos atacar, se metamorfoseando em uma ameaça latente e assustadora, esse tornou-se difuso o verdadeiro medo líquido. Na pós-modernidade o medo encontra-se disperso em todos os lugares, esse não apresenta uma residência fixa, ele está em todos os indivíduos e influencia a todos!

Como Tuan (2005) aponta-nos, o medo não é uma emoção exclusivamente humana, todos os animais conhecem a emoção que emana do perigo, tal instinto se faz necessário para a sobrevivência. Bauman (2008) afirma que o que difere o medo dos humanos e dos animais, é que o ser humano tem a certeza, inevitável da morte, e tenta fomentar estratégias para proteger-se desse evento inevitável. A partir do medo Tuan (2005) introduziu-nos uma nova perspectiva sobre a compreensão da paisagem, e como fenômenos como medo passam afetar essas formas, transformando-as em paisagens do medo, entretanto faz-se necessário efetuar uma retomada sobre o conceito de paisagem.

A paisagem é tudo que a vista alcança? Sim e não! De um lado temos o visto, dado pelos elementos materiais e concretos. De outro, a trama do vivido, sentido e percebido. No cotidiano, as memórias vão imprimindo as paisagens urbanas novos enquadramentos, fazendo emergir outras configurações. Segundo Jean-Marc Besse (2014) a paisagem é objeto de estudos de diversos campos como a ecologia, geografia, filosofia e biologia. E cada um desses campos mobiliza tipologias referenciais e intelectuais diversas. Na tentativa de clarificar a variabilidade conceitual da paisagem Besse (2014) propõe a utilização de problemáticas paisagísticas que coexistem em cinco portas associadas que se liga a concepção de quadros geográficos de Gomes, as nuances paisagísticas ganham novas dinâmicas e pulsações.

A paisagem é compreendida como representação cultural e social, um modo de vivenciar e perceber o entorno, por meio de análises e leituras antropogênicas. Desse modo ela não existe, sendo uma apreensão e interpretação do que o homem pensa e transmite. Essa é uma grade mental, segundo Besse (2014) é um véu mental produzido entre o sujeito e o mundo ao seu redor. Vale ressaltar que tal concepção de paisagem tem como base a teoria intelectualista da percepção, sendo plausível afirmar que há uma iconografia da paisagem. Transpassado há uma visão associada a modelos pictóricos, sendo essa a imagem artística fomentada por modelos de pintura, principalmente ligada ao movimento Renascentista. Sendo a paisagem um quadro, de onde observar-se o mundo, e em muitos casos passa a ser confundida com a totalidade. Tal concepção proposta por Bessa (2014)

se aproxima das concepções de Quadros geográficos propostas por Gomes (2017), sendo esses quadros uma “description raisonnée Hypotype”, essa é fomentada por nuances descritivas pulsantes, vividas assemelhando-se a cartografia.

Por conseguinte, a paisagem pode ser vista de uma forma ampla como a representação cultural de subjetividades coletivas e/ou individual, sem desassociar-se do conceito estético, mas a paisagem passa a ser irrigada por nuances pulsantes que ressaltam seu valor histórico, memórias, vivências e resistências aos fatores de espaço-tempo. Sendo assim, pode-se colocar que a paisagem é inscrição humana à espera de leitura e interpretação, é conjunto de signos sobrepostos, nesse caso a hermenêutica mostra-se como um caminho para sua interpretação. A paisagem é produto da inter-relação dos diferentes tempos e culturas sendo constantemente re-construída, pois é associada à dimensão material e a técnica, e de acordo com seu ponto de observação (carro, trem, avião, em repouso) passa a ganhar novos modelos de interpretação e representação, uma herança da linguagem pictural e seu método de leitura e interpretação, remetendo-se a ideia de quadros.

Desse modo, a paisagem pode ser compreendida como um quadro produzido e praticado pela sociedade, carregando em sua epiderme marcas de eventos políticos, econômicos e culturais, que está em constante (re)produção. Tendo seu valor atribuído às práticas sociais e as vivências que são grafadas na superfície, a paisagem pode ser entendida como um quadro em constante atualização, um recorte organizado e desenhado pelos homens e suas ações que passa a adquirir valores material e imaterial. Dardel (2011) no clássico “O homem e a terra” coloca que a paisagem não foi feita para ser olhada, mas sim para permitir a inserção do homem no mundo; lugar de manifestações e lutas pela vida. Sendo a morfologia da paisagem uma relação simbiótica pela qual o homem imprime formas ao seu meio natural. A paisagem nesse modo é uma associação de marcas e pegadas, ganhando assim significação simbólicas e materiais, pois esse é o lugar de memórias, experiências e vivências.

O espaço de um determinado grupo não é como um quadro que se pode escrever e apagar números e figuras, segundo Halbwachs apud Besse (2014, p. 33). O espaço recebeu a marca do grupo, que são expressas na morfologia paisagística, e o grupo foi marcado pelas nuances de ambiência do lugar. E todo esse complexo arranjo capturado como um quadro, ajuda-nos a romper determinados pensamentos reducionistas, afastando-nos de raciocínios como “post hoc ergo propter hoc”(Depois disso, logo, causado por isso). A paisagem não se define apenas pelos contornos e cores que pode ser observado, ela é um conjunto de sensações; é movimento que se integra e passa a compor o quadro do lugar, desse modo, a paisagem é formada como totalidade advindo da sua história. É expressa através de sons, cheiros, volumes e indo além, essa é capaz de despertar sentimentos de pertencimento, memórias e vivências ao ser humano. Quantas vezes ao sentir determinado cheiro ou escutar determinado som nos transportamos a lembranças específicas que nos afetam de modo irreparável?

Sendo assim, pensar a paisagem como um quadro estruturado pelo medo, requer situá-lo próximo do que Tuan (2005) introduziu sobre as paisagens do medo:

O medo existe na mente, mas, exceto nos casos patológicos, têm origem em circunstâncias externas que são realmente ameaçadoras. ‘Paisagem’, como o termo tem sido usado desde o século XVII, é uma construção da mente, assim como uma entidade física mensurável. ‘Paisagens do medo’ diz respeito tanto aos estados psicológicos como ao meio ambiente real. (TUAN, 2005, p. 5).

Toda construção antropogênica é integrante da paisagem do medo, pois a paisagem do medo nasce das nossas incertezas, uma tentativa humana de controlar e classificar o caos. Tuan (2005) coloca-nos que anteriormente a paisagem do medo era representada por montanhas inabitadas, florestas escuras e seus habitantes sobrenaturais, a imensidão do oceano e seus monstros, ou seja, tudo aquilo que era associado às incertezas do homem tornava-se um componente da paisagem do medo. Já na contemporaneidade a paisagem do medo se transfigurou, nos grandes centros urbanos; essas paisagens passaram a ser representadas por ruas escuras, casas abandonadas e periferias.

É nesse cenário contemporâneo que a paisagem do medo ganhou como integrante, quase que indispensável, a figura do *Homo Sacer* – indesejáveis, que representam a ameaça em potencial, uma lembrança constante da vulnerabilidade humana. A paisagem do medo se dá devido às experiências humanas, onde uma materialidade passa a representar uma ameaça, devido às vivências anteriores. Segundo Tuan (2005) a paisagem do medo produz duas sensações irremediáveis: A primeira sensação é o medo da ruína do seu lugar no mundo, essa representa a integração literal com a morte, devido a aproximação com o caos; a segunda sensação, diz respeito a personificação da incertezas, a sensação de que a violência e forças hostis, deixaram de habitar o mundo das ideias e passaram a caminhar lado a lado com os homens e possuem vontades próprias.

A cidade é um corpo afetado e promove afetações. Velocidades e ritmos diferentes impulsionam encontros, desencontros, afastamentos tornando o espaço citadino um arranjo multiforme e plural. Nos últimos séculos, a cidade tem passado por transformações significativas, afastando-se de seu conteúdo acolhedor e seguro para representar retratos da exclusão, reclusão, contenção e confinamento. A violência e o medo do crime se apresentam como modeladores desse cenário de mudança na morfologia urbana e nas vivências dos bairros. Nesse quadro, os sujeitos tornam-se agentes singulares, partes vivas desses lugares, guardando consigo as histórias não contadas, pautadas em suas vivências e experiências interpessoais e coletivas.

Faz-se necessário apreender a fala da cidade, isto é, textos verbais e não verbais, que expõem a essência do lugar. Marcas, sinais, sons, pontos de referências desenham morfologias e fluxos, de pessoas e ideias, que gritam e evidenciam as singularidades dos lugares. Isso é a substância do lugar que carrega em sua essência a identidade, vivências, memórias. Desse modo, o cotidiano vivido revela o âmago da experiência espacial citadina. Ler a cidade é adentrar nas mensagens desse lugar, pois a “cidade é mensagem a procura de significado que se atualiza em constante uso” (FERRARA, 1988, p.40)

Segundo Ferrara (1988) as metamorfoses citadinas são passíveis de identificação através da análise e descrição da percepção urbana, isso é, “enquanto modo de reter e gerar informações sobre a cidade. A percepção é informação” (FERRARA, 1988, p. 03).

A cidade é palco de um espetáculo que se renova e inova continuamente, nesse contexto as falas da cidade, verbais e não verbais, são indispensáveis pois nutrem e mantêm a cidade como uma simbiose viva, uma imagem, um corpo em expansão e atualização. As falas da cidade podem ser identificadas de inúmeras formas, seja através das artes como dança, música, grafites nos muros da cidade tendo como finalidade expor suas narrativas e vivências. A música tornou-se uma das vertentes da fala da cidade mais conhecidas que ganham enorme expressão, por exemplo, em meados da década de 1990 os Racionais MC's cantam Rap sobre a realidade e vivências das periferias, a música "Hey boy" tornou-se um hino de expressão sobre o cotidiano nas favelas e as ramificações sistêmicas que são impostas sobre a vida dos habitantes:

[...]

A vida aqui é dura  
Dura é a lei do mais forte  
Onde a miséria não tem cura  
E o remédio mais provável é a morte  
Continuar vivo é uma batalha  
Isso é se eu não cometer falha  
E se eu não fosse esperto  
Tiravam tudo de mim  
Arrancavam minha pele

[...]

E seus pais acham que a cadeia é nosso lugar  
O sistema é a causa  
E nós somos a consequência.... Maior  
Da chamada violência  
Por que na real  
Com nossa vida ninguém se importa  
E ainda querem que sejamos patriotas

A música busca retratar a realidade das favelas e como essa é vista por determinadas pessoas e as lutas diárias pela sobrevivência, nesses lugares que tornam-se colônias de segregação. Na contemporaneidade pode-se citar Cesar Mc, como um potente equalizados das falas da cidade, com seu álbum denominado "Daí a César o que é de César" que traz uma potente mensagem sobre vivências dos periféricos pretos no Brasil, a música que carrega o mesmo título do álbum é um grito de protesto:

[...]

Passando pelo vale da sombra da morte  
A lama da morte ainda é a Vale  
Mano, não importa quanto tempo passe  
Vidas não se pagam, então não se cale  
Me diz: Quanto vale a causa do pobre?  
O sistema tá brincando de pegar vareta  
O dele que tem imersão de um girar do jogo  
É o mesmo que nunca treme quando a cor é preta

[...]

O cidadão de bem dá um tiro do bem  
Com sua arma do bem no suspeito do mal  
Que não matou ninguém e não roubou ninguém  
Mas adivinha: Quem é o vilão do jornal?  
Racismo é o câncer estrutural  
Esse fato não depende da sua opinião  
Ou você coopera com essa estrutura  
Ou você ajuda na demolição  
Alguém avisa pro falso cristão  
Que todo jovem preto um dia foi um feto  
Não venha me dizer que é a favor da vida  
Se quando nos assassinam, você fica quieto  
O papo é reto, poucas ideias  
Sobrevivência, revolução  
Eles vão tentar tomar meu lugar  
Mas tipo Rosa Parks, eu digo: Hoje não

[...]

Quem problematiza é quem menos se importa  
No quanto o racismo diário nos queima  
Terra que exalta a meritocracia  
Finge que não sabe o passado que tem  
Diz que é só trabalhar pra ser alguém na vida  
Mas nós só começa do modo ninguém  
Olhe bem nos olhos de uma mãe solteira  
Que foge da fome e das bala perdida  
Cadê as suas dez dica pra ser milionário  
E discurso de coach pra vencer na vida?  
Sem equidade não há justiça  
Vitimismo é o que vão dizer  
Pimenta no olho do pobre não arde  
A menos que um dia ela pingue em você

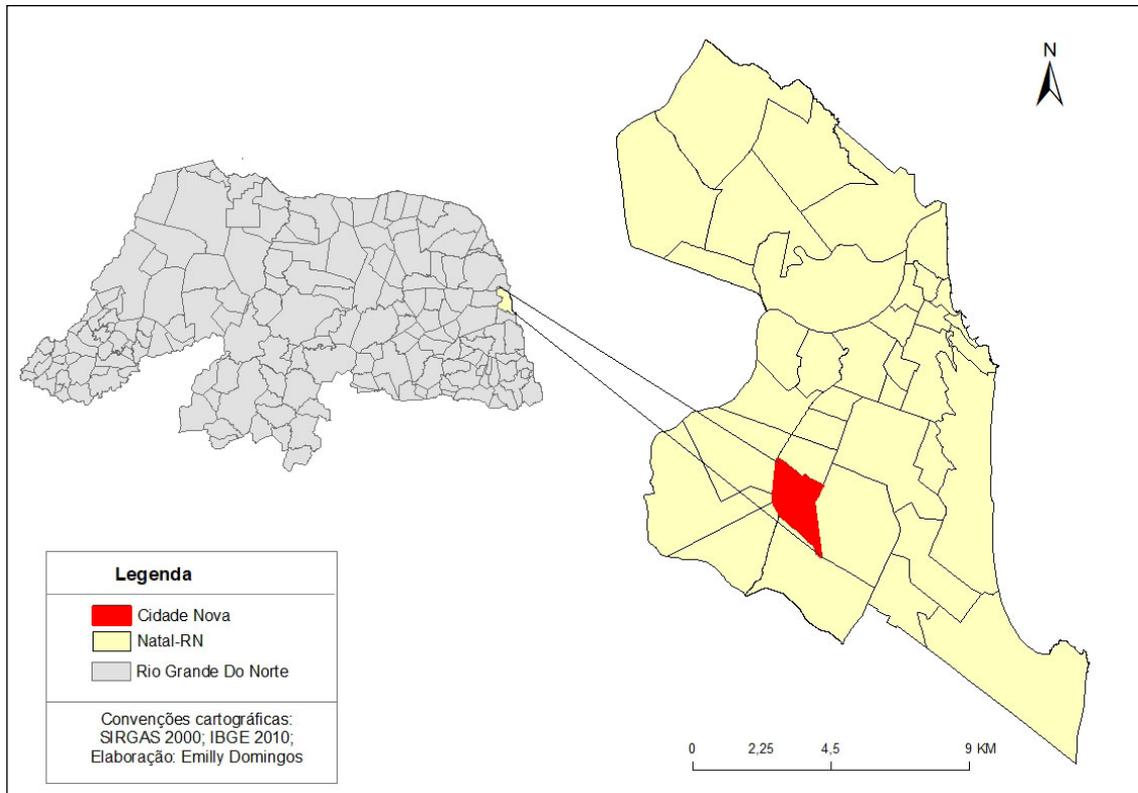
Desde o lançamento da música “hey boy” dos Racionais Mc’s até o álbum “Daí a César o que é de César” passaram-se 31 anos e as narrativas regadas pela escassez, miséria, penúria e segregação não se modificaram. Tem-se a sensação de que essa estrutura perversa foi amplificada, regada por processos violentos e agentes do medo que culminam por re-construir formas de exclusão e exploração espacial. Direitos que são garantidos pelo Estatuto da Cidade, garantido pela Lei Nº 10.257, de 10 de julho de 2001, artigo II:

Garantia do direito a cidades sustentáveis, entendido como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infra-estrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 2001, Art. 2)

Prerrogativas básicas, que são direito de todos os cidadãos, não são cumpridas e a imensa maioria da população desconhece esses direitos, e as falas da cidade verbais e não verbais são uma forma de gritar e protestar na busca por direitos básicos que são negados a uma parte pobre da população. Diante desse quadro, o uso urbano passa a transfigurar a cidade em um palco de um show que é escrito e reescrito continuamente. Segundo Ferrara (1988. P. 45) “o uso e o modo de reconhecimento ambiental, e a lembrança que dele conserva é, antes de tudo, uma predicação do ambiente, tal que a relação que une o juízo perceptivo e o percepto”. Desse modo, pode-se afirmar que a cidade é um quadro que representa o ontem e o hoje, é o caos, tudo passa a se incorporar nas mensagens escritas e não escritas na tessitura cidadina. Esse discurso proferido pelo espaço urbano se mistifica na morfologia espacial.

## **CIDADE NOVA E O COTIDIANO DE UM QUADRO DO VIVIDO**

Segundo a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (SEMURB, 2012) o bairro de Cidade Nova apresenta uma área de 262.12 ha, e 17.651 moradores (IBGE, 2010). A ocupação das terras de Cidade Nova iniciou-se em meados da década de 1960, onde os primeiros moradores eram oriundos do interior Norte Riograndense. E como a fomentação do Loteamento Habitacional da Esperança, na década de 1960, mais pessoas foram atraídas para a região da Zona Oeste, em específico nas franjas do loteamento, devido a instalação de infraestruturas básicas como estradas e fontes hídricas. Entretanto, segundo a SEMURB (2012), a ocupação e povoamento efetiva do território de Cidade Nova, iniciou-se somente em 1971 com a instalação de um lixão na área, que ficou conhecido como Lixão de Cidade Nova, que atraiu indivíduos para trabalhar naquele local insalubre, nascendo a indústria do lixo em Cidade Nova.



Fonte: Silva (2021).

**Figura 1.** Localização de Cidade Nova.

Na morfologia de Cidade Nova destaca-se a Avenida Solange Nunes. Segundo moradores, essa denominação homenageia a cabeleireira antiga do bairro, que foi vítima de feminicídio, causada pelo próprio marido. Também conhecida como Avenida Central, ela concentra um diversificado nicho de serviços e comércios, sendo o principal meio de interligação entre os bairros do Planalto, Felipe Camarão e Cidade da Esperança, essa é um ponto de destaque na tessitura espacial de Cidade Nova, sendo considerado uma “Zona Nobre” do bairro.

O Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte, é um fragmento que ganha visibilidade no bairro está inserido na Zona de Preservação Ambiental 01, e tornou-se um importante equipamento urbano para os moradores, de Cidade Nova e de bairros vizinhos, sendo um dos poucos meios de socialização e convivialidade público que se encontra na tessitura do bairro.



Fonte: SILVA (2021).

**Figura 2.** Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte.

Vale ressaltar, o projeto social “MAIS SAÚDE MAIS VIDA”, que tem como objetivo proporcionar saúde e qualidade de vida para os moradores, que estão tendo contato com atividade física, de modo supervisionada por um profissional de saúde, e assim são estimulados a sair do sedentarismo ao praticar atividades físicas três vezes por semana (segunda, quarta e sexta). As aulas ocorrem nas áreas de convivência do Parque da Cidade – na entrada 02 em Cidade Nova, pois tem maior espaço para comportar os alunos, as aulas são conduzidas pelo Educador Físico contratado pela prefeitura. Tal projeto é de fundamental importância para a comunidade, tendo em vista que atende moradores da terceira idade, que estão tendo esse incentivo e orientação para praticar atividades físicas, juntamente com os públicos mais novos.



Fonte: SILVA (2021).

**Figura 3.** Parque da Cidade, projeto MAIS SAÚDE MAIS VIDA.

Cidade Nova dispõe de poucos ambientes desportivos, como: praças e quadra; o bairro conta apenas com uma praça, onde foi instalado uma academia de rua, em frente a sede do Projeto Mais Saúde Mais Vida, local que segundo relatos era a antiga FEBEM. Devido a tal problemática os moradores costumam utilizar as dunas que cortam Cidade Nova para praticar exercícios como corrida, futebol, vôlei, circuito funcional e etc. Essas são áreas muito populares do bairro e muitas pessoas vão se exercitar nesses lugares, mas um traço singular no que diz respeito ao bairro, porém esse uso que foi dado para as feições dunares, são espaços de convivência entre os moradores, já que esses marcam de se encontrar para prática de atividades, e assim, os populares “morros” ganham uma nova forma de uso e ocupação em Cidade Nova.



Fonte: SILVA (2021).

**Figura 4.** Dunas de Cidade Nova, onde os moradores fazem práticas de exercícios.

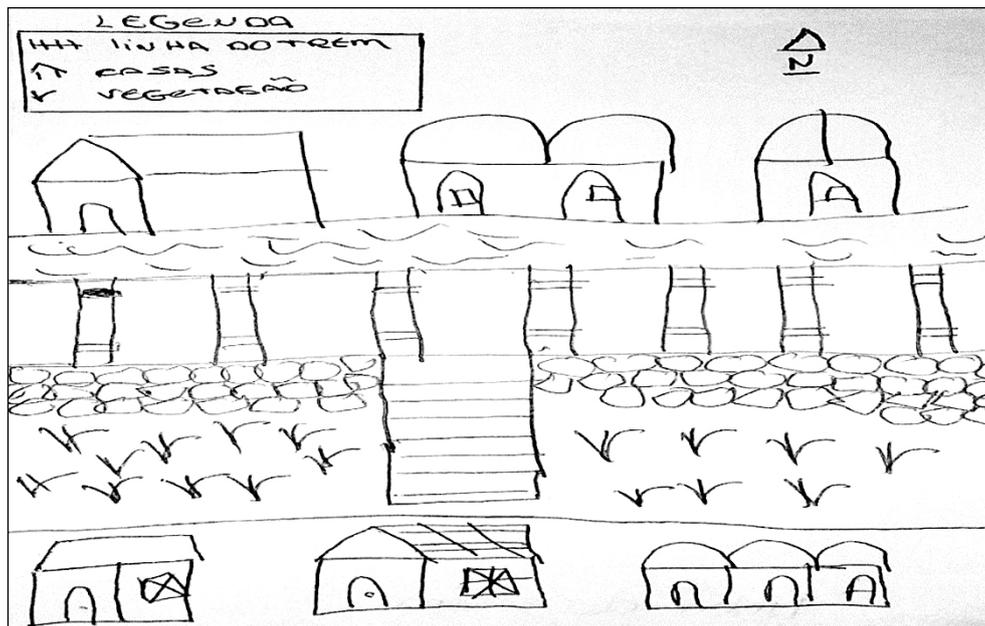
Cidade Nova carrega marcas de um processo de gênese violento e exploratório, entretanto apesar das problemáticas que assolam o bairro, entre os moradores é consenso que esse é um lugar de caráter acolhedor e amigável, pois nesse recorte espacial os laços de afetividade e convivialidade são mantidos, como relatou um MORADOR (2021): “Gosto de morar aqui porque é o bairro onde nasci e cresci, eu sinto mais confiança, eu conheço os moradores atuais e antigos”

O bairro de Cidade Nova é afetado de forma distinta por essa trama, pois como sabe-se os processos atingem fragmentos espaciais com diferentes ritmos e formas, e esse processo singular pode ser ratificado nas falas dos viventes do local, MORADOR (2021): “Eu conheço a maioria dos moradores isso gera mais confiança”. Como é possível verificar, através dos relatos dos moradores, as vivências no bairro são irrigadas pelo afeto para com o lugar, e os laços que são desenvolvidos pelas pessoas que moram nesse espaço. Em uma conversa, questionei um morador sobre as memórias positivas que este dispunha com o bairro, esse afirmou: “Minhas melhores lembranças vêm da minha infância onde vivi os melhores momentos da minha vida! (MORADOR, 2021)”

Seguido por uma narrativa detalhada dos momentos de brincadeira que teve na infância e as relações que desenvolveu enquanto crescia e brincava com inúmeras outras crianças, e como aqueles eram bons tempos. Na tentativa de compreender de forma clara a perspectiva dos moradores de Cidade Nova, foi trabalhado com dois moradores a construção de Mapas Mentais, a ideia inicial era trabalhar com a cartografia social de forma mais ampla, entretanto devido às limitações impostas pelo atual estado Pandêmico,

tal perspectiva teve que ser adaptada. Para elaboração dos mapas mentais I e II. Foi solicitado para dois moradores, que se remetessem a uma local do bairro que carregam memórias negativas que o marcaram de algum modo, vale ressaltar que para preservar os moradores os denominaremos de Morador A e B.

Morador A: O Morador A mora em Cidade Nova há mais de 30 anos, e afirma que “quando eu vim morar aqui tinha quase nada, hoje em dia tá é bom comparada a antigamente” Figura Inicialmente, ao observar o mapa mental I, e conhecer esse local como morador de Cidade Nova, questionei o porquê do Morador A ter escolhido esse lugar, vale ressaltar que os relatos foram transcritos da forma que foram narrados.



Fonte: Morador (2021).

**Figura 5.** Mapa mental I, Linha do trem.

“Olha aí é a Linha do Trem, eu acho aquela parte muito esquisita principalmente à noite, não tem iluminação de nada e não tem quase ninguém nas ruas, sabe! Ai onde tem a parada de ônibus do lado da linha é perigoso, tem assalto direto naquela parada, Deus me livre pegar ônibus de noite ali é uma escuridão danada”

Desse modo, foi perguntado se aquele morador já tinha passado por alguma experiência com o local ilustrado no Mapa Mental.

“(..) era uma noite de chuva dessas, sabe que enche tudo e até as rotas dos ônibus mudam. Eu vinha do trabalho e peguei o 63, só que por onde ele vem, ali perto da lagoa, estava tudo cheio de água, aí o motorista teve que desviar o caminho, entrou em uns buracos que eu nem sabia que existia. Sei que terminou eu tendo que descer ali naquela escola Djalma Maranhão, sabe? Em frente a feira. Isso

já era de noite e chovendo, e eu tive que voltar a pé de lá para cá. As ruas sem ninguém por causa da chuva e eu morrendo de medo quando atravesso a linha do trem, perto da parada de ônibus, surge dois caras em uma moto, atrás de mim. Eu só sei que olhei para trás, e comecei a correr. Depois tive notícia que eles roubaram uma mulher que tava na parada. Nunca corri tanto na vida! (risada) Sei que eu só vim parar bem ali perto da padaria da central.”

O relato do morador evidencia as marcas de um acontecimento irrigado por agentes do medo do crime, e esses relatos são uma potente ferramenta de avaliação e descrição sobre a perspectiva espacial. Um acontecimento incomum, que estava fora da rotina cotidiana do narrador o levou a modificar sua rota para casa, e com isso quase sofreu um assalto, um simples evento culminou em um acontecimento violento, por mais que o sujeito não tenha sofrido o assalto, pois conseguiu escapar, o Morador foi profundamente afetado, pois com esse relato não tem o desejo de retornar àquele local, marcado pelas suas memórias, que tornaram-se irrigadas pela violência e medo do crime, aquele local tornou-se assim a representação de uma paisagem do medo para esse morador.

Morador B: O morador B vive no bairro de Cidade Nova, desde os 7 anos de idade, afirma que passou a maior parte da vida nesse local. Ao perguntar-lhe o porquê do Morador B ter escolhido esse local.



Fonte: Morador (2021).

**Figura 6.** Mapa mental II, UBS de Cidade Nova.

“Aí é o posto, eu lembrei das vezes que eu fui com minha mãe de madrugada para tentar pegar uma ficha, para marcar uma consulta. Eu lembro que a gente saía de casa era escuro ainda, e de 5 horas, o vigia ficava com pena e abrir o portão para o povo que estava esperando entrar. Isso a pessoa chegava essa hora e só chegava alguém para atender de sete e meia, oito horas e a pessoa passava por isso tudo e tinha vez que nem conseguia a ficha... (pausa) Sabe depois de um tempo ainda proibiram o vigia de abrir o portão cedo. O povo ficava na rua, só abria de 7 horas da manhã. Mas isso já faz um tempão não sei como tá as coisas agora, acho que mudou”

Como é possível observar no segundo relato, há existência latente de violência sistêmica, muitas vezes o subjugado por tal fenômeno não consegue perceber a crueldade e a violência dos atos a qual está sendo exposto, pois para ele isso é “normal” essa é a única realidade que lhe foi apresentada no decorrer de sua vida. Conforme Santos “cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão depende da sua localização no território” (SANTOS, 2002 p. 107), ou seja, como morador de um território invisibilizado e deixado à margem o valor do sujeito é reduzido, e assim as mazelas sociais, como a expressa no relato do MORADOR B, tornam-se cotidiano. De um modo geral pode-se observar o caráter despótico e cruel dos acontecimentos que permeiam o bairro de Cidade Nova.

Nas narrativas expressas sobre o bairro é possível observar que as memórias evocadas são regadas pela violência e o medo do crime, um potente afeto na vivência dos moradores, capaz de modificar a esfera relacional do vivente com seu lugar, produzindo formas como as paisagens do medo. Mas em contrapartida aqui foi possível observar um novo nuance da tessitura de Cidade Nova, que muitas vezes só é conhecido pelos moradores, onde foi exposto singularidades do território, como a história da Escola União do Povo, o projeto Mais Saúde Mais Vida e sua importância para a comunidade, nuances como essas são singulares e afetam a trama do vivido e muitas vezes são desconhecidas.

## **CONCLUSÕES**

Atualmente uma busca incessante por segurança potencializada pelos fenômenos da violência e do medo, tem-se a sensação de que não existe lugar seguro e que o mal está à espreita esperando para fazer mais uma vítima, esse medo se transfigura em um inimigo em potencial, a aversão do “diferente” surge e passa a nos seguir todo o tempo. Cidade Nova, apresentam singularidades, continuidades, rupturas, tramas de Poder, agentes violentos, medo do crime e outros fenômenos, que têm como palco a tessitura espacial do bairro. Através da análise territorial do vivido foi possível compreender de forma clara a composição espacial de Cidade Nova, onde fenômenos como a violência e o medo passam a reestruturar as feições do bairro, e os moradores passam a articular estratégias para conviver com essa realidade, seja evitando determinados lugares, construindo muros mais altos, modificando velhos hábitos.

Entretanto, buscamos evidenciar um novo olhar sobre Cidade Nova, indo além do estigma da violência, ressaltando as nuances do lugar que promove afetações e é afetado. Essas singularidades são evidenciadas através da fala proferida pelos agentes do vivido territorial onde são denotadas qualidades, defeitos, vibrações, sentimentos, memórias e vivências, que carrega em suas entrelinhas marcas temporais do espaço, unindo o passado e o presente em um quadro fluido, que está em constante atualização e são fonte de potentes formas de enfatizar o lugar, e como esse é percebido e vivenciado pelos seus habitantes. A análise acerca de uma temática tão delicada com o vivido territorial dispõe como um elemento fundamental, pois a partir do estudo de aglomerados subnormais como Cidade Nova, corrobora-se com a compreensão das dinâmicas espaciais desses locais. O que é fundamental, devido às atuais camadas socioespaciais, que culminam por amplificar mazelas sociais, atingem a população.

O olhar sobre os territórios, enfatiza que esses não são formas homogêneas, portanto podem ser categorizados de formas simplistas, pois em uma mesma fração do território que encontra-se nuances latentes da violência é o mesmo lugar encontra-se árvores de Carolinas, que produz pequenas sementes vermelhas e na época de floração, as calçadas da Avenida Solange Nunes, são tingidas por centenas de sementes e as crianças passam e brincam de recolher e armazenar essas sementes, processo semelhante ocorre com as oliveiras que foram plantadas no canteiro central da Avenida; a Escola União do Povo, que foi construída pelos próprios moradores; o Senhor Zé da Hora, que tem uma oficina de bicicletas, um senhorzinho de 80 anos extremamente simpático que conta inúmeras histórias sobre o bairro; Naldo, que vende moveis usados e faz os melhores preços de frete do bairro, segundo ele; os senhores que sentam na Av. Solange Nunes para tomar uma lapada de cana e olhar o movimento da rua; as pessoas que sentam na calçada à tarde, para conversar com os vizinhos; a cigareira de Senhor Zagalo e a concorrente Nilda do salgado. Ou seja, todos esses sujeitos e eventos aqui citados fazem parte da trama do espaço vivido de Cidade Nova, e esse território é um palco que abriga a complexidade da vida humana que está em constante (re)construção e não pode ser tratado de maneira simplista e excludente.

Desse modo a leitura das “falas da cidade” tornar-se-ia um elemento fundamental para a compreensão da atual dinâmica espacial, que ocorre na tessitura do bairro de Cidade Nova e em outras parcelas territoriais urbanas. Pois como posto por Ferrara (1988) a imagem do urbano está se metamorfoseando constantemente, e a leitura de tais falas da cidade envolvem uma complexa simbiose, perpassando desde a cidade cotidiana e sua significação, afetação, percepção e identidade para com o vivente. E nesse complexo quadro urbano o homem apreende a leitura de signos – como os aqui evidenciados – que passam a influenciar como os sujeitos lêem determinado território efetuando uma junção de elementos temporais, o ontem e o hoje, se articulam para que ocorra a identificação, leitura e compreensão desses espaços.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade**. ZAHAR, 2012. 239 P.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. tradução Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. ZAHAR, 2008. 239 P.
- BESSA, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Tradução de Annie Cambe. - Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 3 ed. – São Paulo: Contexto, 1997. P.98.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. Editora África S.A – São Paulo. 1989, p.94.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São paulo: Editora 34, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 12. Ed. – São Paulo: Ática, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. **Sobre a violência**. Org. Ericka Marie Itokazu, Luciana Chauí-Berlinck. – 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- Estatuto da Cidade: **Lei 10.257**, de 10 de julho de 2001. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.
- FERRARA, Lucrécia d’Alessio. **Ver a cidade: Cidade, imagem, leitura**. São Paulo: Nobel, 1988, p. 80.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópoli, RJ: Vozes, 2004.
- GÔES, Rachel Medeiros de. **Imagem sócio-ambiental do bairro de Cidade Nova, Natal-RN, por seus moradores**. Tese (Mestrado em Psicologia) - UFRN, 2011, 155. Disponível em : <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/17506>>.
- GOMES, Paulo César da Costa. **Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- HERMES, Ivenio; Brandão, Thadeu. **Observatório Potiguar 2019: O Mapa da Violência Letal Intencional do Rio Grande do Norte**. – Natal/RN: Clube de Autores, 2019.
- LEFEBVRE, Henri. **Direito à cidade**. São Paulo: Centauro editora, 2011.
- MORAIS, Regis. **O que é violência Urbana**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1993.
- SANTOS, Milton,, 1926-2001. **Pobreza urbana I Milton Santos**; com uma bibliografia internacional organizada com a colaboração de Maria Alice Ferraz Abdala. - 3.ed. -São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- SERPAS, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia**. 1. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2021.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÔES, Eda Maria. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação social** – 1. Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência / Tradução :Lívia de Oliveira** - Londrina : Eduel,2015.
- TUAN, Yi-Fu. 1930 - **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**; tradução: Lívia de Oliveira. – Londrina : Eduel, 2015.